

## QUEM LARGA NA FRENTE

*Uma pesquisa VEJA-Gallup mostra como seriam as eleições para o governo dos dez principais Estados, se fossem realizadas agora.*

Entre os dias 3 e 30 de junho deste ano, pesquisadores do Instituto Gallup distribuídos por 226 cidades – e 987 diferentes pontos de amostragem – dos dez Estados brasileiros com maior número de eleitores realizaram 6 672 entrevistas. Aos entrevistados, formularam a seguinte pergunta: “Se a eleição para governador de Estado fosse hoje, e fossem estes os candidatos, em qual deles votaria?”. Em seguida, exibiram cartões com nomes escolhidos por VEJA – todos os que, de uma forma ou de outra, têm aparecido como candidatos a candidatos – e colheram a opinião do entrevistado. O resultado dessa ampla pesquisa de opinião, que cobriu um território que concentra, segundo dados de dezembro do ano passado, 40 milhões dos 49 milhões de eleitores brasileiros, ou mais de 80% do total, é o mais completo retrato das preferências atuais do eleitorado – caso fossem candidatos apenas os nomes incluídos nas listas agora apresentadas.

Para a composição das bases da pesquisa (base é o número de eleitores entrevistados em cada Estado), o Instituto Gallup recorreu a critérios que fizeram do universo consultado um perfeito corte no eleitorado brasileiro (veja o quadro na página 21). Naturalmente, resultados colhidos a dezesseis meses do pleito estão sujeitos a fundas modificações, determinadas pelos rumos de uma campanha que mal começou. Somente levantamentos posteriores, que VEJA irá publicando periodicamente até as eleições, poderão consolidar tendências.

Dessa primeira rodada da pesquisa VEJA-Gallup, emergem, em posição privilegiada, o senador Marcos Freire – um dos raríssimos beneficiários da enxurrada oposicionista de 1974 que conseguem permanecer à tona –, a ex-deputada Sandra Cavalcanti e os senadores Tancredo Neves e Franco Montoro. Hoje, candidatos do PDS lideram a disputa em quatro Estados, enquanto nomes do PMDB marcham à frente em outros quatro. O PP vence em Minas Gerais e o PDR sonhando pelo ex-vice-presidente Pedro Aleixo, se existisse, teria em seus quadros a favorita no Rio de Janeiro. Os resultados sugerem que as preferências dos brasileiros se prendem muito mais a pessoas que a siglas. Essa impressão é reforçada pelos resultados de outra pesquisa, conduzida paralelamente pelo Gallup, destinada a conhecer as preferências por partidos políticos (veja a reportagem na página 20).

Nessa ciranda de nomes, prevalecem políticos que ainda antes de 1964 exibiam nas roupas a poeira dos palanques – por exemplo, Tancredo Neves e Franco Montoro. A pesquisa constata, também, o desgaste de homens temidos pelo governo em seus tempos de exílio, como os ex-governadores Miguel Arraes e Leonel Brizola. Fornece, enfim, informações indispensáveis à costura de acordos e alianças que poderão influir decisivamente sobre os rumos da campanha – e, quem sabe, alterar de modo sensível o retrato do eleitorado brasileiro em junho de 1981, traçado pela pesquisa VEJA-Gallup.

Ao contrário do que afirma em sucessivas entrevistas, o ex-presidente Jânio Quadros está longe de ser o candidato imbatível dos anos 50: aparentemente arranhado por mais uma renúncia – desta vez, ao PTB – ele já não está nos calcanhares do senador Franco Montoro, como sugeriam sondagens de opinião feitas à época do seu barulhento

reingresso na cena política. Bem votado no interior, o ex-governador Laudo Natel corre alguns corpos à frente de seus concorrentes do PDS, mas dificilmente terá chances de vitória sem a ajuda das sublegendas. Uma surpresa é o prefeito de São Paulo, Reynaldo de Barros, empatado com seu primo Adhemar de Barros Filho – com quem disputa o espólio eleitoral do “ademarismo” – e bem acima do vice-governador José Maria Marin, que está em campanha há alguns meses e utiliza regularmente a máquina administrativa estadual.

Como Laudo, também Jânio e Montoro têm mais popularidade no interior que na capital, uma tendência que se inverte nos casos de Reynaldo de Barros, do ex-prefeito Olavo Setúbal e do ex-dirigente sindical Luís Inácio da Silva, o “Lula”, outra surpresa registrada pela pesquisa. O índice que alcançou não lhe permite sonhar com o governo estadual. Mas melhora sensivelmente o cacife que poderá levar à mesa de negociações para a qual Montoro, interessado no apoio do PT, já há algum tempo tenta atraí-lo. Tal cacife decididamente falta ao senador Orestes Quércia, que embora imagine possível uma reedição da virada, que o levou ao Congresso em 1974, estaciona num índice que só lhe permite aspirar à conquista de uma sublegenda do PMDB.

A marca obtida por Montoro é considerada muito boa por especialistas em sondagens de opinião, embora esteja bastante abaixo dos índices alcançados imediatamente após o lançamento oficioso de sua candidatura, ainda no ano passado. Se confirma o favoritismo do senador, a pesquisa demonstra que as estrondosas votações obtidas em 1974 e 1978 pelo MDB paulista não serão reprisadas por seu sucedâneo. Qualquer um dos quatro nomes mais votados poderá chegar ao Palácio dos Bandeirantes – cruzará primeiro a linha de chegada quem tiver mais competência para negociar alianças com o segundo pelotão.

Só um antigo fenômeno da política de Minas Gerais – o alto índice de eleitores que não revelam sua preferência – supera a votação do senador Tancredo Neves, ainda assim por um escasso ponto de vantagem. Em contrapartida, Tancredo empata com a soma de todos os outros nomes da lista. É um belo ponto de partida. Mas, segundo técnicos em pesquisas de opinião, não é provável que esse índice cresça de forma sensível daqui para a frente: Tancredo larga em direção a 1982 praticamente com o mesmo índice – 37% - que alcançou nas eleições para o Senado de 1978. É sensato prever que, no curso da campanha, alguns concorrentes avancem sobre fatias do eleitorado do presidente do PP.

Se ao presidente de honra do PP, deputado Magalhães Pinto, certamente de sagrada a folgada presença do correligionário e rival na liderança da corrida, bem mais decepcionante lhe terá sido a raquítica votação obtida por seu afilhado político, ex-deputado José Aparecido, absoluto na “lanterninha”. Magalhães não foi incluído na lista utilizada pelos pesquisadores do Gallup porque já decidiu formalmente que o candidato de sua facção será José Aparecido. Os números provam que o ex-deputado, ainda não filiado formalmente ao PP, herdará o apoio mas não os votos do padrinho. Pior, só o desempenho do ex-prefeito de Belo Horizonte, Jorge Carone, já em campanha. Incluído na pesquisa, Carone conseguiu menos de 1% - um índice que, por ser considerado estatisticamente igual a zero, riscou seu nome da relação de candidatos.

Também o fôlego do senador Itamar Franco parece demasiado curto para permitir-lhe conduzir sozinho a bandeira do PMDB. Quanto aos candidatos do PDS, nenhum teve

desempenho digno de nota, mas é prematuro apostar na derrota do partido do governo. Depois que a bateria de postulantes for reduzida a três, número máximo de sublegendas, e entrar em cena a máquina do governo estadual, é provável que a briga do PDS com o PP fique bem mais equilibrada. Vai bem em Belo Horizonte o prefeito Maurício Campos, preferido do governador Francelino Pereira. A partir do momento em que o peso do governo empurrar seu nome para o interior, Campos talvez elimine a curta distância que por enquanto o separa do ministro Abi-Ackel.

Se as eleições tivessem sido realizadas no mês passado, o Brasil teria a primeira governadora de sua história – a ex-candidata da Arena ao Senado Sandra Cavalcanti, seguramente a maior surpresa da pesquisa VEJA-Gallup. Sandra assume com folga a liderança de uma corrida que, até agora, tinha como franco favorito o deputado Miro Teixeira. Técnicos em pesquisas eleitorais atribuem o mau desempenho de Miro a sua completa identificação com o atual governo estadual – algo ruim, em tempos de crise econômica. O grau de popularidade no momento ostentado pelo governador Chagas Freitas é especialmente baixo e, além disso, Miro não tem, ao contrário de Sandra, nenhuma experiência anterior em eleições majoritárias. Mas Sandra, empenhada na montagem de um provável Partido Democrático Republicano (PDR), poderá ser ultrapassada por Miro tão logo entre em funcionamento a normalmente portentosa máquina eleitoral chaguista.

Claudicaram na primeira rodada o senador Roberto Saturnino Braga e, sobretudo, o ex-governador gaúcho Leonel Brizola. Saturnino talvez possa fortalecer seus músculos se conseguir apresentar-se ao eleitorado como herdeiro das tradições do velho MDB. Brizola só reunirá energia para seguir a corrida se encontrar bandeiras que seduzam uma larga faixa de eleitores jovens que mal ouviram falar do agressivo político da era janguista – e não tinham idade para votar quando Brizola, em 1962, elegeu-se deputado federal pela antiga Guanabara com mais de 200 000 votos.

O desempenho do prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, apenas confirma a redonda impopularidade do PDS junto ao eleitorado fluminense. Surpreendente é o alto índice de eleitores indecisos ou que recusam apoio a qualquer dos nomes incluídos na lista. Essa faixa de indefinidos é um valioso filão à espera dos políticos capazes de descobrir o mapa que a ele conduz.

A votação do senador Pedro Simon, candidato único do PMDB, é insuficiente para assegurar-lhe um sono tranqüilo daqui até novembro de 1982. O índice de Simon acusa uma queda sensível em relação ao que obteve nas eleições de 1978 – e, surpreendentemente, essa queda não foi capitalizar pelo PDT do ex-governador Leonel Brizola, amplamente derrotado na pesquisa. O deputado federal Alceu Collares, um dos dois candidatos “brizolista”, arrasta-se no fim da fila. E o segundo candidato do PDT, ex-deputado Wilson Vargas, sequer sobreviveu à primeira rodada da pesquisa: seu índice foi inferior a 1% - em termos estatísticos, o mesmo que zero.

Assim, nem o hipotético apoio do PDT ao candidato do PMDB deixaria Simon, neste momento, em boa situação. Fustigando-o com vigor, estão em trajetória ascendente o ex-governador Sinval Guazzelli, estrela solitária do PP, e o ministro da Previdência Social, deputado federal Jair Soares. Guazzelli é um dos raros governadores da safra 1974-1978 que parecem ter tomado impulso no caminho das urnas. E Soares corre num ritmo que desmente a teoria de que ocupar o Ministério da Previdência Social é o

caminho mais curto para a impopularidade. Também a marca alcançada pelo deputado Nelson Marchezan é considerada boa. Sobretudo porque o presidente da Câmara Federal, ao contrário de todos os outros nomes incluídos na pesquisa, ainda não lançou sua candidatura ao Palácio Piratini.

Como de costume, o Paraná promete uma campanha extremamente movimentada e uma eleição disputada voto a voto. Trata-se do único Estado onde a campanha já está plenamente nas ruas, sobretudo nos muros, promovida por candidatos que formalizaram publicamente seu desejo de suceder o governador Ney Braga. Para desencanto de Ney, numa ponta da lista aparece o ex-governador Paulo Pimentel – um velho rival desajeitadamente acomodado no PDS – e na outra o secretário de Desenvolvimento Urbano, Saul Raiz, o preferido do governador. Quando a máquina do “neyismo” estiver funcionando a plena carga, Raiz certamente melhorará seu desempenho. Mas terá de correr muito para alcançar Pimentel, forte tanto em Curitiba quanto no interior.

O prefeito da capital, Jaime Lerner, vai bem em Curitiba mas derrapa nas pequenas cidades do interior paranaense. Nesse território circula com bastante desenvoltura e excelentes resultados percentuais o ex-governador Jaime Canet, que poderá ganhar o apoio de Ney Braga se este entender que Raiz é de fato inviável e que insistir com a candidatura será uma fórmula infalível para devolver o Palácio Iguazu a Pimentel. O senador José Richa, muito forte na região de Londrina, exhibe um índice abaixo das expectativas do PMDB. Poderá melhorar com a inevitável saída de cena do ex-deputado Alencar Furtado, cuja magra votação deverá arquivar seu projeto de disputar o governo. Furtado ficará satisfeito em concorrer a uma vaga no Senado.

O bom índice do senador Lomanto Junior, último governador baiano eleito pelo voto direto – e beneficiário do maior triunfo eleitoral da antiga Arena nas eleições legislativas de novembro de 1978 –, resulta sobretudo da força que mostra nas cidades com menos de 50 000 habitantes, onde se concentram 72% do eleitorado estadual. O ex-governador Roberto Santos, ferrenho adversário do governador Antônio Carlos Magalhães, vai bem na capital (18% dos eleitores estão em Salvador) mas perde muitos pontos no interior. Os dois candidatos que disputam o apoio de Antônio Carlos – o presidente do Banco do Estado da Bahia, Cleriston de Andrade, e o prefeito de Salvador, Mário Kertesz – ainda não puderam içar velas: uma faixa ponderável do eleitorado espera que o governador mostre quem é seu preferido com gestos que até agora evitou.

Cleriston é o mais provável beneficiário do prestígio de Antônio Carlos, um tarimbado ganhador de eleições. Embora sujeito a fundas modificações quanto à posição dos candidatos, o quadro mostra que, se recorrer à sublegenda, o PDS regional reprisará o desempenho que o partido do governo obteve nos últimos pleitos na Bahia. Para resistir à ofensiva adversária, Roberto Santos tenta convencer o PMDB de que vale a pena abdicar de candidaturas próprias para juntar-se ao PP num único balaio oposicionista – que, naturalmente, deveria apoiar a ele próprio. A primeira rodada da pesquisa VEJA-Gallup indica que, mesmo se consumada, essa complicada aliança entre ex-arenistas e a esquerda do PMDB dificilmente conquistaria o Palácio da Abolição.

O senador Marcos Freire é o campeão de votos da primeira rodada da pesquisa VEJA-Gallup. Ele sai à frente com o mesmo índice alcançado em 1978 pelo candidato ao Senado do MDB, Jarbas Vasconcelos, então derrotado pela soma de votos das

sublegendas da Arena. Marcos Freire prova, com isso, que não foi afetado pela repercussão do caso de chantagem que envolveu sua mulher e o deputado Fernando Lyra, do PMDB pernambucano. Mas ainda é cedo para considerá-lo imbatível. Primeiro, porque os candidatos do PDS só agora começam a esquentar motores. Depois, porque é muito elevada a taxa de eleitores que não escolheram o nome de sua preferência.

O ex-governador Moura Cavalcanti espera atrair parte dessa faixa de recalcitrantes administrando um pelotão de prefeitos interioranos. De seu lado, o prefeito do Recife, Gustavo Krause, confia nos acenos que faz aos eleitores da periferia da capital – e, principalmente, no apoio do governador Marco Maciel, ainda na muda. Ao sucesso de Marcos Freire corresponde o fiasco do ex-governador Miguel Arraes, “lanterninha” da largada. Vagamente lembrado na capital de que foi prefeito, Arraes é virtualmente ignorado pelos eleitores do Estado que governou até março de 1964.

O ministro das Minas e Energia, César Cals, e o deputado federal Adauto Bezerra correm emparelhados rumo a um palácio que já habitaram graças a nomeações vindas de Brasília – e, a manterem esse ritmo, garantem uma tranqüila vitória para o PDS no Ceará. Bezerra, uma das maiores fortunas do Estado, provou que é bom de uma com os 117 000 votos conquistados nas eleições de 1978. Cals nunca passou por testes do gênero, mas tem um trunfo respeitável: ocupa um ministério que lhe permite manter-se em evidência no noticiário. O senador Mauro Benevides, outra vítima do mau agouro de 1974, parece fraco das pernas e tem remotas chances de crescer, especialmente porque desta vez não terá o apoio velado do atual governador Virgílio Távora, sem o qual não teria chegado ao Senado sete anos atrás. Virgílio aguarda o momento ideal de levar às ruas a candidatura de seu assessor especial, Aécio Vasconcelos. Formalizado o apoio de Virgílio, é certo um aumento sensível na cotação de Vasconcelos.

A liderança conferida ao ex-prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, deriva da soma dos seus próprios votos com o expressivo patrimônio eleitoral do ex-governador Antônio Carlos Konder Reis. Excluído da pesquisa VEJA-Gallup por não ser candidato, Konder Reis beneficiou com sua ausência o herdeiro político. Mas o PMDB catarinense parece com boa saúde, como demonstram os índices dos seus dois primeiros colocados. O deputado federal Pedro Ivo tem força especialmente nas regiões de Joinville e Blumenau, tradicionais fortalezas oposicionistas. O fraco desempenho do senador Evelásio Vieira, um dos beneficiários da avalanche emedebista de 1974, sugere que seu prestígio foi arranhado quando se filiou ao PP, siglas que padece de anemia em Santa Catarina. Também é de se notar o naufrágio do ex-deputado Doutel de Andrade que ao se mudar para o Rio de Janeiro esqueceu o caminho que leva às urnas de seu Estado natal.

O ex-prefeito de Goiânia Íris Rezende é o único político de toda a pesquisa VEJA-Gallup que renasce em ótima forma das cinzas da cassação. Disparado na liderança, Íris tem ainda uma poderosa carta na manga – a companhia do senador Henrique Santillo, que poderá ocupar uma sublegenda do PMDB ou, simplesmente, apoiar o favorito. Qualquer que seja a decisão de Santillo, é provável que Goiás confirme, em 1982, sua tradição de sólido reduto oposicionista. Além de muito forte na capital que governou, Íris Rezende consegue índices notáveis nas cidades interioranas que percorre regularmente desde o começo deste ano.

A disputa em Goiás está limitada ao PMDB e ao PDS, já que os outros partidos ainda não conseguiram fincar raízes no Estado. Nesse quadro plebiscitário, a por enquanto escassa densidade eleitoral do governador Ary Valadão torna ainda mais difícil a empreitada dos candidatos do PDS. Os ex-governadores Otávio Lage e Leonino Caiado, ambos eleitos indiretamente, relutam em aceitar o lançamento formal de suas candidaturas. Se trocarem uma derrota quase inevitável por vagas certas no Congresso, os dois ex-governadores deverão provocar novos saltos na trajetória de Íris Rezende.

SÃO PAULO - 11 159 018 eleitores

Franco Montoro 20% PMDB  
Jânio Quadros 14% (sem partido)  
Laudo Natel 12% PDS  
Olavo Setúbal 10% PP  
Lula 9% PT  
Reynaldo de Barros 6% PDS  
Adhemar de Barros F 6% PDS  
Orestes Quércia 4% PMDB  
José Maria Marin 2% PDS  
Nenhum desses 9%  
Indecisos 8%  
Base 816

MINAS GERAIS - 5 774 625 eleitores

Tancredo Neves 33% PP  
Ibrahim Abi-Ackel 8% PDS  
Maurício Campos 6% PDS  
Itamar Franco 5% PMDB  
Eliseu Rezende 4% PDS  
Bias Fortes 4% PDS  
Murilo Badaró 3% PDS  
Renato Azeredo 2% PP  
José Aparecido 1% (sem partido)  
Nenhum desses 20%  
Indecisos 14%  
Base 784

RIO DE JANEIRO - 5 523 897 eleitores

Sandra Cavalcanti 38% (sem partido)  
Miro Teixeira 15% PP  
Roberto Saturnino 7% PMDB  
Leonel Brizola 5% PDT  
Moreira Franco 1% PDS  
Nenhum desses 19%  
Indecisos 15%  
Base 631

RIO GRANDE DO SUL - 3 775 146 eleitores

Pedro Simon 28% PMDB  
Sinval Guazzelli 17% PP  
Jair Soares 17% PDS  
Nélson Marchezan 11% PDS  
Alceu Collares 6% PDT  
Nenhum desses 9%  
Indecisos 12%  
Base 721

PARANÁ - 3 546 045 eleitores

Paulo Pimentel 27% PDS  
Jaime Canet 25% PP  
José Richa 22% PMDB  
Jaime Lerner 6% PDS  
Alencar Furtado 3% PMDB  
Saul Raiz 1% PDS  
Nenhum desses 5%  
Indecisos 11%  
Base 603

BAHIA - 3 394 339 eleitores

Lomanto Jr. 30% PDS  
Roberto Santos 22% PP  
Mário Kertesz 10% PDS  
Waldir Pires 6% PMDB  
Cleriston de Andrade 6% PDS  
L. Viana Neto 5% PDS  
Nenhum desses 8%  
Indecisos 13%  
Base 657

PERNAMBUCO - 2 058 193 eleitores

Marcos Freire 39% PMDB  
Moura Cavalcanti 8% PDS  
Cid Sampaio 7% (sem partido)  
Gustavo Krause 6% PDS  
Miguel Arraes 3% PMDB  
Nenhum desses 19%  
Indecisos 18%  
Base 631

CEARÁ - 1 925 315 eleitores

Adauto Bezerra 24% PDS  
César Cals 24% PDS  
Mauro Benevides 17% PMDB  
José Lins 6% PDS  
Aécio Vasconcelos 2% PDS  
Nenhum desses 6%  
Indecisos 21%  
base 613

SANTA CATARINA - 1 780 388 eleitores

Esperidião Amin 25% PDS  
Jaison Barreto 16% PMDB  
Pedro Ivo 14% PMDB  
Evelásio Vieira 8% PP  
Henrique Córdova 5% PDS  
João Linhares 2% PP  
Doutel de Andrade 1% PDT  
Nenhum desses 13%  
Indecisos 16%  
Base 593

GOIÁS - 1 531 335 eleitores

Íris Rezende 33% PMDB  
Otávio Lage 17% PDS  
Henrique Santillo 11% PMDB  
Leonino Caiado 7% PDS  
Hélio Levy 4% PDS  
Ibsen de Castro 1% PDS  
Nenhum desses 5%  
Indecisos 22%  
Base 623

**Crédito:** Revista Veja/Editora Abril

**Fonte:** Revista *Veja*, edição 670, 08 jul. 1981, p.15-20